UM OLHAR EPISTEMOLÓGICO SOBRE O INCONSCIENTE FREUDIANO

Zeljko Loparic

1. EPISTEMOLOGIA E PSICANÁLISE: UM ENCONTRO PROBLEMÁTICO

A empresa a que me disponho neste ensaio pode parecer irrealizável. Mesmo se admitirem, por complacência ou curiosidade, ouvir um epistemólogo falar acerca do seu conceito básico, o do inconsciente, não faltarão psicanalistas que, não obstante, afirmem ser sua a última palavra sobre o assunto: a que será dada depois de auscultar o desejo do filósofo. Sendo a única instância competente para examinar aquilo que move o filósofo, a psicanálise estaria, no essencial, além do alcance da crítica filosófica.

Sabe-se que o próprio Freud propôs a *redução psicanalítica* de certos conceitos filosóficos básicos, como por exemplo, o do imperativo categórico de Kant. Este seria uma herança direta do complexo de Édipo. Toda a filosofia teria algo a ver com a paranóia (auto-observação) e com a esquizofrenia (tratamento das palavras, representações verbais, como se fossem coisas). Mais ainda, a atitude científica enquanto tal, característica da psicanálise, contrastaria frontalmente com a atitude filosófica, própria de uma *Weltanschauung*.

Por outro lado, mais de um epistemólogo duvidou se a psicanálise merecia ser tratada como um *ciência*. Uns declararam

ser ela mais aparentada com a astrologia do que com a astronomia. Outros ainda sugeriram que a psicanálise não é propriamente uma pseudo-ciência, mas um gênero literário diferente e incomparável à ciência.

Não há como negar, de fato, que para um certo senso comum, fazer a epistemologia da psicanálise, isto é, a filosofia do conhecimento psicanalítico, parece ofender tanto o ofício do psicanalista como o do filósofo.

2. UM QUADRO PARA A BOA VIZINHANÇA ENTRE A PSICANÁLISE E A EPISTEMOLOGIA

É preciso notar, entretanto, que Freud nunca tentou uma *redução completa* da filosofia à psicanálise. O fundador da "psicologia profunda" reconhecia explicitamente a existência de problemas conceituais que a sua ciência põe, mas que, sozinha, ela não pode resolver. Um exemplo desses problemas é dado pela afirmação da *atemporalidade* do inconsciente. A psicanálise constata, diz Freud, que, ao contrário da tese de Kant de que o tempo é uma "forma necessária do nosso pensamento" ou ainda, uma "forma necessária de nossos atos psíquicos", existem processos mentais, a saber, os processos primários inconscientes, que não são ordenados temporalmente, não mudam com o tempo e não têm relação com a representação do tempo. Temos aqui um fato que ainda espera, concede Freud (na Conferência 31), a devida apreciação pelo pensamento filosófico e que abre o caminho para descobertas profundas, caminho no qual, lamenta ele, a psicanálise não soube avançar muito.

Esse exemplo, que diz respeito à falta de clareza da psicanálise sobre uma das suas descobertas fundamentais, mostra, parece-me, além de dúvida possível, que a ciência constituída por Freud não se entende como sendo totalmente auto-suficiente em questões de teoria. A *filosofia crítica* é reconhecida como aliada e colaboradora indispensável, sendo mesmo, quanto ao ofício específico de crítica conceitual, sua superior.

Se é assim, se Freud reconhece de fato a existência de um espaço próprio da filosofia, como será possível entender essa con-

cessão no interior da teoria psicanalítica? Aqui é preciso notar, em primeiro lugar, que, de acordo com Freud, tudo o que se sabe sobre o inconsciente, sabe-se na e pela "consciência". Para ser conhecido, o inconsciente precisa ser "traduzido" na linguagem que tem sentido no domínio da nossa experiência consciente perceptiva (representacional) ou afetiva. Assim, explica Freud no capítulo VIII do *Compêndio da Psicanálise*, quando dizemos, na análise, que surgiu uma lembrança inconsciente, queremos dizer: aqui se deu algo totalmente inconcebível[1], que, entretanto, se tivesse chegado à consciência, só poderia ter sido descrito assim e assim. Vemos que os "dados da consciência" são, também na psicanálise, o ponto de partida da pesquisa científica. A psicanálise freudiana não é a "escrita do inconsciente".

Significaria isso que a descoberta freudiana do inconsciente não faz mais do que acrescentar um elemento à psicologia tradicional? Que ela deixa a teoria da consciência e a filosofia incólumes? Se respondermos afirmativamente a essas questões, teremos dificuldades em acomodar a famosa tese de Freud de que a descoberta do inconsciente aprofundou a ferida narcísica do homem (causada anteriormente pelo heliocentrismo e a teoria da evolução), justamente por ter destronado a consciência do centro da vida psíquica humana.

A solução dessa tensão pode, parece-me, ser formulada da seguinte maneira. Quem faz a ciência é o "consciente". O inconsciente é *concebível* única e exclusivamente em termos acessíveis à luz da consciência. Ele obedecerá, necessariamente, a categoria seja do mundo físico seja do mundo psíquico. Não há alternativas possíveis. Aqui pode ainda ficar em aberto se Freud pensava que o esquema categorial para pensar a realidade mental era idêntico ou diferente daquele que é apropriado para se pensar a realidade física. Como tentaremos mostrar na seção a seguir, ele parece ter caminhado na direção da segunda alternativa. Seja como for, Freud dirá ainda que a ciência não é uma ilusão, como a religião, mas um indispensável meio de vida. Sem a consciência, dirá

1. No presente texto, Freud está aderindo ao ceticismo kantiano estrito. No que segue teremos mais coisas a dizer sobre a relação entre Freud e Kant.

Freud enfaticamente em 1932 (Conferência 31), nós estariamos perdidos na escuridão da psicologia profunda.

Por outro lado, o inconsciente, mesmo depois de *concebido*, não deixará de ser *ressentido*, de ter influências próprias sobre a vida humana e, em particular, sobre o consciente e a própria razão. Esta obedecerá, em larga medida, ao inconsciente, e, como seu servidor angustiado, seguirá os seus alvos mesmo sem saber. Estamos expostos à atuação de forças que se manifestam, tornam-se conscientes em nós, mas cujo ímpeto e destino são, em geral, incompreensíveis e estão fora do controle da nossa consciência.

O último Freud dirá por isso que há *três donos* do Ego, sede da consciência e da racionalidade: o Id, o Mundo e o Superego. Em outras palavras, as paixões, a necessidade (o real) e a ética. Os três atuam no inconsciente. No caso do Id, isso vai de si. Mas a ética (o superego) também recebe as suas energias da pulsão de agressão que está no inconsciente. Mesmo o real se torna imperioso e passa a nos controlar em virtude da tendência inconsciente de evitarmos o desprazer que se expressa no princípio de realidade. É esse princípio que dá ao real o *status* solene da coisa em si da qual dependemos e que não depende de nós (nem do nosso conhecimento).

O Ego é dono de si mesmo só na medida em que é racional. Existiria uma voz da razão que nos diz o que fazer? Algo como uma razão prática que manda em nós? Nos últimos anos de vida, Freud parece ter reconhecido essa quarta instância de mando sobre a consciência: a "ditadura da razão". Essa não seria imposta nem pelo real (necessidade), nem pelo Superego ou, ainda menos, pelo Id, mas pela "voz do intelecto", ou, como Freud também sugere, pelo "Deus Logos". Esse deus, de nome grego, só seria audível, entretanto, com o desenvolvimento do "processo cultural". O Freud maduro foge, assim, da tentação de reduzir a razão (Logos) a um epifenômeno, mantendo, embora apenas em observações breves, a tese do caráter originário (porque "divino") da razão.

Aqui se abre uma perspectiva interessante. Se a teoria psicanalítica do inconsciente recusa o logocentrismo grego, apolínio, ela se defende igualmente da tentação nietzscheana de centrar o homem sobre o pré- e o a-lógico. Em outras palavras, o "psi-

quismo" freudiano seria uma estrutura de vários elementos co-originários. O caráter co-originário desses elementos passa facilmente desapercebido devido ao fato de cada um deles passar por um desenvolvimento e se manifestar somente em determinadas fases da história individual. Por essa razão, a gênese parece predominar sobre a estrutura. Trata-se, entretanto, de mera aparência, já que os estudos ontogenéticos de Freud, como tais, não prejulgam sobre a questão de saber se o elemento que se desenvolve em primeiro lugar, ou seja, que é primeiro no tempo, é também primeiro na ordem das causas. É bom lembrar aqui que a filogênese freudiana dos momentos "superiores" da estrutura, que poderia parecer decidir a questão de prioridade em favor da gênese e contra a estrutura originária, não passa de peça de *especulação* paleontológica.

3. A METODOLOGIA E EPISTEMOLOGIA IMPLÍCITA NA OBRA DE FREUD

Dissemos que, para Freud, a psicanálise se caracterizava pela atitude científica e que o estudo psicanalítico do inconsciente era solidário dos nossos esquemas categoriais conscientes de compreensão do mundo e de nós mesmos. A psicanálise, como qualquer outra ciência, obedeceria aos *critérios de racionalidade científica*. A pergunta é: que critérios e onde teriam sido eles explicitados?

Essa questão é mais intrincada do que parece. Seria muito fácil recorrer a critérios de nossa preferência e utilizá-la como medida crítica da psicanálise. Mas esse procedimento torna vulnerável a objeção de que as nossas preferências nas escolhas entre sistemas conceituais não são sempre meramente racionais; ou de que existem diferentes tipos de racionalidade. Sem querer assumir o ônus de especificar uma teoria inatacável e geral da racionalidade, podemos nos facilitar a tarefa trabalhando com os critérios pressupostos pela própria psicanálise, ou seja, com a sua "filosofia" implícita.

Procedendo assim, além de fugir da suspeita de servir a interesses teóricos alheios à psicanálise, podemos evitar o risco de ge-

rar problemas que não existem. Muitos se perguntam, por exemplo, se a psicanálise é baseada em uma energética ou em estruturas de sentido. Ricoeur considera que esses dois pontos de vista do tratamento freudiano do inconsciente são incompatíveis e conclui, com razão, pela existência de uma tensão interna nos fundamentos da psicanálise. Mas, poderíamos perguntar, será que Freud coloca os pontos de vista mencionados no mesmo plano? Se aprofundarmos a metodologia de Freud[2], veremos logo que ele usa termos energéticos, assim como era comum fazer-se na física da sua época, como modelos para a descoberta e organização do material clínico, como "convenções" frutíferas; e que esses termos fazem parte, não da fundação ou infra-estrutura, e sim da supra-estrutura da sua teoria. Por isso, eles podem ser descartados desde que achemos outros melhores que façam o mesmo serviço. O "teor de verdade" da psicanálise não muda com isso. Que os atos falhos, os sonhos etc., têm um sentido, essa afirmação, por outro lado, descreve um dos fatos "duros" da psicanálise, sobre o qual não cabe duvidar racionalmente. Tudo se passa como se Ricoeur não tivesse ouvido o aviso de Freud de que, algumas vezes, ele está *descrevendo* e, outras vezes, *especulando*. Colocando a descrição e a especulação no mesmo nível, Ricoeur criou falsos problemas para a compreensão da psicanálise.

Temos aqui um exemplo de uma tendência geral na história do pensamento. Como observou H. Vaihinger, é comum que os seguidores ou intérpretes de um gênio inovador transponham aquilo que esse afirmou na chave de hipótese para a chave de tese. Trata-se de uma impaciência de conceito, semelhante à impaciência do sonho que transpõe os optativos que remetem para o futuro, para indicativos calçados no presente. Enfim, de uma fuga da tensão.

Qual é, então, poderíamos perguntar, o verdadeiro filão epistemológico-filosófico para ler Freud? A resposta é dada por ele próprio no fim da primeira seção de *O Inconsciente*. A psicanálise, escreve Freud, foi elaborada na continuação do criticismo kantiano que, corrigindo o senso comum, chamou a atenção pelo condicionamento subjetivo da nossa percepção, mostrando que o

2. Cf. Os primeiros parágrafos de Freud 1914 e 1915.

fenômeno percebido não é idêntico à coisa em si, incognoscível. A psicanálise, acrescenta Freud, faz notar que o psíquico em si, assim como o físico, não precisa ser tal como nos aparece. Assim mesmo, sugere Freud um tanto enigmaticamente no final do texto[3], a realidade psíquica ("interior") seria menos incognoscível do que a física ("exterior").

Freud não apenas aceitou a tese fundamental do ceticismo kantiano de que o nosso conhecimento se limita ao mundo dos fenômenos, mas ele também se inspirou na metodologia kantiana, recorrendo seja diretamente a Kant, seja a pensadores influenciados por Kant, em particular, a cientistas como Fechner, Helmholtz e Hertz. Esse kantismo dos cientistas, aceito por Freud, exige, entre outras coisas, que as "convenções" ("construções", "especulações", "ficções") heurísticas usadas pela psicanálise para descobrir e organizar o seu material fenomenal devam permitir *explicações dinâmicas* e uma boa *visualização* (geometrização) dos processos psíquicos. Isso explica a preferência freudiana pelos modelos dinâmicos (em termos de forças) e tópicos (espaciais) do inconsciente. O "ponto de vista" energético parece corresponder à tendência, existente na física e na química da época, de substituir o conceito de força pelo de energia. Por ser menos "visual" que o conceito de força, o de energia presta-se mais facilmente para a formulação de hipóteses "quantitativas" meramente comparativas sobre os processos psíquicos tradicionalmente chamados de apetitivos.

Se guardarmos clareza sobre o caráter fortemente convencionalista da metodologia freudiana, poderemos resolver mais facilmente problemas de interpretação que, à primeira vista, parecem intrincados. Sabemos, por exemplo, que Freud nega que o conceito de inconsciente seja, como quer Janet, *une façon de parler*, onde *nada real* é pensado. Significaria isso que a sua *afirmação da existência do inconsciente dinâmico* é uma tese realista, que ela pretende ser objetivamente verdadeira sem restrição alguma? Aparentemente não. Segundo Freud, a prova da existência do inconsciente dinâmico reside na possibilidade de fornecer explicações dinâmicas (causais) da existência dos sintomas. Isso não

3. Voltaremos a esse assunto na nossa última seção.

é uma prova da verdade objetiva da tese do inconsciente dinâmico e sim da sua utilidade heurística e explicativa *dentro do quadro metodológico preferido por Freud*. Essa preferência se deve à sua filiação a uma tradição filosófica e não à evidência dos fatos. Um heideggeriano, por exemplo, partindo dos mesmos fatos, nunca poderá chegar à afirmação de um inconsciente dinâmico, pela simples razão de que rejeita, por motivos ontológicos, as "forças psíquicas" como "fatores" que determinam a vida humana.[4] A afirmação do caráter dinâmico do inconsciente reflete, como diz Freud, um "ponto de vista", uma postura metodológica, frutífera no seu entender, e não um fato de experiência ou uma tese justificada por indução.

É nesse mesmo sentido que é feita a afirmação da existência da cena primitiva: sem ela, a psicanálise não seria capaz de dar conta da história da pulsão erótica. Por isso, a psicanálise afirmará que a cena primária existiu, mesmo nos casos em que não pode provar essa afirmação pelos fatos.[5]

Uma boa introdução à metodologia de Freud é a fenomenologia de F. Brentano, fortemente influenciado por Kant e professor de filosofia de Freud por três anos seguidos.

As teses centrais da psicanálise apresentam semelhanças substanciais com doutrinas filosóficas anteriores, em particular, as de Schopenhauer e Nietzsche. Freud dirá que a sua teoria do recalque "coincide completamente" com a de Schopenhauer. Ele admitirá que a "vontade" de Schopenhauer é equivalente às pulsões da psicanálise. Schopenhauer teria reconhecido ainda a importância psíquica da sexualidade e do inconsciente. A vantagem da psicanálise em relação a Schopenhauer seria a de não ter afirmado as suas teses de maneira abstrata, como fez o filósofo,

4. A relação entre Freud e Heidegger não consiste só de oposições. Mais abaixo trataremos de paralelos que existem entre a fenomenologia de Heidegger da angústia e o tratamento dado por Freud a esse fenômeno fundamental da vida psíquica.

5. Para maiores detalhes sobre a mistura freudiana da heurística com o ceticismo, cf. LOPARIC, Z. "Resistências à psicanálise", *Cadernos de História e Filosofia da Ciência* 8, 1985, pp. 29-49.

mas de tê-las demonstrado por meio de fatos que tocam cada personalidade humana e a forçam a tomar alguma atitude.

Semelhantes observações aplicam-se à filosofia de Nietzsche. A psicanálise da moral e da religião, por exemplo, apresenta um paralelismo notável com a crítica de Nietzsche. Os palpites e intuição de Nietzsche "freqüentemente concordam de maneira surpreendente com os laboriosos achados da psicanálise". Freud confessou uma vez:

> Eu tive, portanto, que me dispor – e o fiz sem mágoa – a deixar de reivindicar a prioridade em muitos assuntos em que a pesquisa psicológica laboriosa não pode fazer mais do que confirmar as verdades que o filósofo reconheceu por intuição.

Os dois filósofos preferidos por Freud ofereceram uma crítica radical da epistemologia tradicional. Essa crítica não é desaparentada da crítica à filosofia que Freud mesmo foi elaborando nos intervalos de suas pesquisas especificamente psicanalíticas. Por fascinante que seja, o exame desse paralelo excederia o quadro do presente artigo.

4. ESTUDO DE ALGUNS EXEMPLOS

O diálogo entre a epistemologia e a psicanálise dificilmente pode, entretanto, limitar-se a mera explicitação das posições epistemológicas e metodológicas de Freud. Como dissemos acima, certas vezes, o próprio Freud convida para uma reflexão epistemológica ulterior. Para mostrar o interesse de um exercício desse tipo, consideremos mais de perto o enunciado da tese da atemporalidade do inconsciente, já mencionada acima.

Notamos logo que Freud comete um engano na sua reprodução da posição de Kant sobre o tempo. Para Kant, o tempo não é, propriamente falando, uma forma necessária do nosso *pensamento* (como diz Freud), e sim da nossa *intuição*. Ademais, ainda que se possa dizer, genericamente, que ele é a forma necessária dos nossos atos psíquicos, é preciso sublinhar que isso só vale para esses atos *enquanto fenômenos*, isto é, eventos *dados na intuição* (percepção) interna e não para esses mesmos atos enquan-

to coisas em si. O conceito de tempo kantiano é "transcendentalmente ideal", isto é, só se aplica ao domínio dos objetos fenomenais.

Daí se seguem interessantes conseqüências sobre a relação entre as teses de Kant e de Freud sobre o tempo, que parecem ter escapado a este último.[6]

Por definição, processos inconscientes não são acessíveis na *intuição* interna. Logo, eles não são fenômenos e, por conseguinte, a forma do tempo não se aplica a eles. Não sendo fenômeno, o inconsciente pode ser tomado como coisa em si, no sentido kantiano, conforme sugere algumas vezes o próprio Freud. Nesse caso devemos dizer, se quisermos ser fiéis a Kant, que não sabemos nada sobre o seu caráter temporal. A razão é simples: para Kant, nada podemos conhecer, nem positiva nem negativamente, sobre as coisas em si. Nessa interpretação, a tese freudiana da atemporalidade não passaria de mera aplicação do criticismo kantiano ao material da psicanálise.

Mas essa conclusão não se coaduna com a posição geral de Freud de que *sabemos* coisas sobre o inconsciente, nem com a sua observação precisa, no fim da primeira seção d'*O Inconsciente*, de que o "objeto interno" é "menos incognoscível" do que o mundo externo. Teríamos aqui uma desforra do realismo contra o ceticismo kantiano? Tudo indica que não. Freud está nos dando antes, creio eu, uma indicação de que a psicanálise não acede ao inconsciente, esse "objeto interno", pela intuição, no sentido de Kant; que o inconsciente tem um caráter de fenomenalidade não kantiano, a ser tematizado e explicitado ainda. Se é assim, Freud não está pensando, no trecho citado, contra Kant e sim, com Kant, para além de Kant.

Para entender melhor essa leitura de Freud, convém recorrer a Heidegger. Sabemos que Heidegger introduziu explicitamente um *novo conceito de fenômeno*, que não é nem o objeto da intuição (externa ou interna), nem mesmo a "forma necessária" da intuição. A fenomenologia heideggeriana dos modos de estar-aí

6. Para maiores detalhes sobre esse tema, veja LOPARIC, Z. *O Tempo do inconsciente*, 1990 (em preparação).

do ser humano é elaborada, toda ela, sem recurso tradicional à intuição interna, ou mais geralmente ainda, à representação. Segundo Heidegger, o acesso privilegiado, desde o ponto de vista metodológico, a nós mesmos enquanto fenômenos, é dado por nossos afetos (*Stimmungen*), em particular, pela angústia, ela mesma um (meta)fenômeno. Na angústia, e só nela, aparece o que somos e como somos: ela nos traz de volta, como algo irremissível, a nossa possibilidade de não mais estarmos-aí-no-mundo, a possibilidade da morte.

É fácil ver que, ao nos trazer perante e nos confrontar com o nosso ser-para-a-morte (com a nossa nulidade ou "nadidade"), a angústia perfaz um *movimento* que possui uma *estrutura temporal* própria. Ela *retoma* do passado ou, como Heidegger ainda diz, *repete* uma possibilidade nossa, a do "não-mais-estarmos-aí", a possibilidade que rechaçamos (*abdraengen*), esquecemos, desde que estamos-aí-no-mundo (e da qual nos protegemos gerando a ilusão metafísica da substancialidade e infinitude do mundo). O tempo da angústia é, portanto, *finito*, tanto quanto é finito o nosso estar-aí. Esse mesmo tempo é também *circular*, porque a possibilidade de não mais estarmos-aí é trazida de volta para o nosso presente, como algo inapelável que nos *aguarda no futuro* iminente. As três dimensões do tempo da angústia não ocupam, portanto, uma extensão infinita e não estão dispostos de maneira linear: o nosso passado, isto é, aquilo que rechaçamos, volta para o presente vindo do nosso futuro, para o qual somos irremediavelmente abertos, enquanto "existirmos". O tempo da angústia não é, portanto, nem infinito nem linear, como é o tempo da intuição, explicitado por Kant.

Sabemos que Freud, por sua vez, também fala da angústia[7] como "fenômeno fundamental" da neurose e como causa primeira do recalque (*Verdrangung*). A angústia de Freud também é um fenômeno não representacional e sim afetivo. Ela se dá no Ego, não enquanto sistema cognitivo e sim enquanto habitado por pulsões reveladas pelos afetos (enquanto seus "representantes"). Sabemos ainda que, a angústia, assim como *descrita* por Freud,

7. Ver Freud 1926, apêndice B.

ocorre numa *situação atual de perigo*. Nela se produz, em primeiro lugar, uma *repetição* (e não apenas lembrança, fenômeno puramente representacional) suavizada, de uma situação traumática experienciada no *passado*. Essa situação é caracterizada como uma vivência de impotência e desamparo, ou ainda, de desequilíbrio aniquilador entre as nossas forças e as do mundo ao nosso redor. Em segundo lugar, na angústia se dá ainda a *antecipação* (e não mera previsão, fenômeno representacional) da irrupção futura eminente da mesma situação traumática de desamparo que já vivenciamos no passado. Vemos, então, que o "fenômeno" de angústia é analisado em três fenômenos temporais: a atual situação de perigo, a repetição e a antecipação de uma situação traumática. Os três correspondem a três dimensões do tempo psíquico. Essas dimensões não caracterizam o domínio da representação e sim o do jogo de forças pulsionais; o espaço de tempo desse jogo não é infinito (a situação traumática repetida e antecipada não está mais longe do presente que o começo e o fim da *nossa* vida); finalmente, o passado e o futuro situam-se como que num círculo e não numa reta. A estrutura circular do tempo da angústia é a razão pela qual o passado "lembrado" na angústia não perde o seu poder sobre o presente: girando o círculo, ele se abate sobre o presente vindo do futuro.

Apesar de diferenças materiais, existe um acordo notável entre as fenomenologias freudiana e heideggeriana sobre os *aspectos centrais* da angústia, reveladora das nossas situações-limite. Segundo os dois autores, a angústia, com a sua estrutura temporal, não é "percebida" dentro de nós. Nada sabemos dela por meio de uma representação. Eu não percebo, por exemplo, que "repito" ou "atuo". A angústia não é, portanto, um fenômeno kantiano. Sendo assim, ela (como de resto todo o inconsciente) é incognoscível pela intuição (a título de objeto da intuição) e o tempo da intuição não se aplica a ela. Ademais, ambos os autores sustentam que a angústia é um fenômeno "vivido", a cuja estrutura temos acesso não representacional. Finalmente, há acordo de que angústia revela o nosso relacionamento concreto ("ontológico", diria Heidegger, "dinâmico" ou "quantitativo", diria Freud) com as situações-limites e que ela o faz de maneira não representacional, pela repetição e antecipação (fenômenos identificados por ambos, embora não exatamente da mesma maneira).

Esse acordo parece autorizar esforços de compreender Freud a partir de Heidegger. Filósofo conseqüente, Heidegger enfrentou o desafio de explicitar esse acesso à angústia ignorado pela psicologia e pela filosofia tradicionais, bem como de elucidar a estrutura ontológica do nosso ser-para-a-morte, produzindo assim uma nova teoria do "conhecimento" não representacional e uma ontologia correspondente. Contudo, o que nos interessa aqui não é tanto a possibilidade de recorrer a análises heideggerianas, metodologicamente mais conscientes que as descrições freudianas, para esclarecer os pressupostos implícitos na segunda teoria da angústia de Freud, mas a oportunidade de esclarecer o sentido da observação de Freud, de natureza epistemológica e mencionada acima, de que o inconsciente é "menos incognoscível" que o mundo físico tal como é em si.

No interior dessa teoria, a observação de Freud pode facilmente ser entendida: o nosso inconsciente é um "objeto" essencialmente diferente do mundo físico. O mundo físico é acessível somente na percepção e permanece, enquanto coisa em si, incognoscível, devido ao condicionamento subjetivo desta. O inconsciente, um modo de ser nosso, é acessível via nossos afetos, por exemplo, via angústia. A angústia não é um tipo de representação e, portanto, a teoria kantiana dos limites da nossa faculdade cognitiva não se aplica a ela. Não é proibido esperar, portanto, que a angústia possa nos revelar aspectos do nosso inconsciente que a representação necessariamente ignora. Sem saber, Freud teria dado os primeiros passos na direção da ontologia fundamental de Heidegger.[8]

8. Poder-se-ia objetar que, assim, caímos no misticismo, sempre rechaçado por Kant, que admite fontes do conhecimento diferentes da nossa faculdade de representação. Para evitar essa acusação, é preciso atentar, em primeiro lugar, para certos traços básicos da filosofia kantiana. Kant admite que os nossos sentimentos (o de prazer e desprazer, por exemplo), embora distintos da nossa capacidade de representação, têm objetos próprios e que estes diferem radicalmente dos objetos da representação. A teoria kantiana do juízo estético trata de aspectos de coisas (a beleza, o caráter de ser sublime etc.) que não podem ser constituídos por meio de meras representações. Ademais, a filosofia prática de Kant expõe o conhecimento que temos da nossa liberdade partindo do *sentimento* de nossa *coerção* pela lei moral. Com efeito, Kant chega ao conhecimento de "objetos internos", tais como a liberdade, que, do ponto de vista da faculdade de re-

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S. *Sobre o narcisismo. Uma introdução, 1914.*

FREUD, S. *Pulsões e suas vicissitudes, 1915.*

FREUD, S. *Conferências introdutórias à psicanálise, 1916-17 e 1933.*

FREUD, S. *Inibição, sintoma e angústia, 1926*

presentação, são coisas em si, graças ao fato de sua existência e características serem necessariamente implicadas por experiências afetivas (como a experiência de coerção).

Essas observações levam à conclusão de que a parte mais relevante da filosofia kantiana para a compreensão do kantismo de Freud é a sua filosofia prática. Isso não surpreende, visto que Freud não é um estudioso do conhecimento humano como tal, e sim do desejo.

Uma coisa, contudo, é certa: não parece haver, em Kant, uma ontologia da liberdade. O caráter fantasmático do sujeito kantiano, tanto o do conhecimento como o do agir livre, foi lamentado por mais de um crítico, entre eles Heidegger. O autor de *Ser e tempo* deu-se por tarefa básica justamente a de conferir "substancialidade" ao sujeito kantiano. Por trás das operações do sujeito transcendental e moral kantianos, Heidegger descobrirá, a título de condições de possibilidade ontológicas ("dinâmicas"!), os modos fundamentais do estar-aí, do acontecer originários do ser humano e os caracterizará por meio de "categorias" inteiramente distintas das que se aplicam aos objetos da representação. Essa ontologia heideggeriana do ser humano não contradiz os resultados do criticismo kantiano; ela o transcende e assim relativiza.

Cabe não esquecer, entretanto, que Freud tomava comumente uma posição ontológica muito mais conservadora que a assumida posteriormente por Heidegger. Tudo se passa como se a sua filosofia não tivesse acompanhado a sua intuição psicológica. Essa é uma das razões, parece-me, por que a psicanálise freudiana é tão ambígua e, ao mesmo tempo, tão estimulante para a reflexão filosófica.